



Entre quadras, campos e trincheiras: o ativismo de atletas em resenha da obra “Athlete activism: contemporary perspectives”

Clarisse Silva Caetano¹

Doiara Silva dos Santos²

Fernanda Karina dos Santos³

**Between courts, fields and trenches: athlete activism in a review of
 the work “Athlete activism: contemporary perspectives”**

**Entre canchas, campos y trincheras: el activismo atlético en una re-
 visión de la obra “Activismo atlético: perspectivas contemporáneas”**

Resenha do livro: MAGRATH, Rory. *Athlete activism: Contemporary perspectives*.
 Nova York: Taylor & Francis, 2022.

Introdução

O livro de título original “Athlete activism contemporary perspectives”, organi-
 zado pelo professor de sociologia Rory Magrath, da Southampton Solent University,

¹ Universidade Federal de Viçosa – Brasil - Clarisse.caetano@ufv.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0533-0282>

² Departamento de Educação Física na Universidade Federal de Viçosa – Brasil - santosdoiara@ufv.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4718-7226>

³ Departamento de Educação Física na Universidade Federal de Viçosa – Brasil - fernandak.santos@ufv.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9127-7694>

Inglaterra, foi publicado pela editora Routledge em 2022. Magrath tem seu foco de pesquisa voltado para gênero, sexualidade, mídia esportiva e ativismos esportivos. A obra está disponível no idioma inglês e reúne 17 capítulos de 27 autores que tratam do fenômeno do ativismo praticado por atletas do esporte universitário ao esporte de alto rendimento, bem como seus desdobramentos na sociedade.

Os capítulos da obra não estão setorizados por temáticas, e envolvem pesquisas a partir de fontes midiáticas, entrevistas com atletas e questionários para compreender percepções de diferentes atores sociais sobre o ativismo de atletas, repercussão e historicidade dos casos, biografias e símbolos, etc. Estão representadas modalidades como tênis, futebol americano, boxe, atletismo e futebol.

Na introdução, o organizador relembra atletas ativistas do século XX em Jogos Olímpicos (JO), como Tommie Smith e John Carlos, famosos pela saudação Black Power no pódio dos Jogos Olímpicos de 1968. Magrath (2022) anuncia a crescente de estudos acadêmicos sobre ativismo de atletas, indicando os contextos do Reino Unido, Estados Unidos, Austrália e Europa Ocidental. O organizador reconhece a importância do sul global neste campo, mas demarca os limites de perspectiva da obra. De fato, estudos sobre o tema em português e sobre os contextos brasileiros e da América Latina, por exemplo, são incipientes (Santos; Caetano; Rufino, 2020).

Ativismos de atletas: perspectivas, pautas e repercussões

O capítulo que abre o livro é de autoria de Jules Boykoff, ex-atleta olímpico que atualmente é integrante de um movimento social de contestação aos Jogos. De natureza teórica, ressaltam-se fatos históricos e contemporâneos de atletas que se utilizam do seu maior palco, de maior visibilidade, para manifestarem-se sobre diversas pautas. Boykoff (2022) situa instituições como o Comitê Olímpico Internacional (COI) e Comitês Olímpicos Nacionais como microcosmos modernos da dialética entre resistência e restrição na relação com os atletas. Ele expõe mecanismos de regulação estabelecidos pelo COI para silenciar todo o tipo de ativismo nos JO, tal como a regra 50, estabelecida na década de 1970, que proíbe quaisquer manifestações de atletas. Boykoff (2022) debateu a questão da liberdade de expressão e chamou a atenção para o fato de que: “embora as Nações Unidas tenham concedido ao COI o status de observador permanente, as diretrizes do COI sobre protestos estão em nítido contraste com o Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos” (Boykoff, 2022:17).

Os capítulos 2 e 3 discutem o ativismo esportivo nos níveis escolar e universitário, respectivamente. Armstrong e Butryn (2022) investigaram as percepções

de atletas estadunidenses do ensino médio sobre o ativismo de atletas. Revelou-se que, em geral, os estudantes têm uma percepção positiva sobre atletas que protestam. No capítulo 3, Kluch (2022) realizou entrevistas com atletas universitários de 12 esportes diferentes, buscando identificar as motivações que os levam a se manifestarem. Os achados sugerem que a principal motivação para atletas universitários ativistas é a autopercepção que eles têm da sua visibilidade e poder em seus campi, inclusive para representar grupos historicamente marginalizados. Kluch (2022) enfatiza que tais atletas precisam de uma rede de apoio que envolve seus treinadores, os organizadores esportivos, entre outros.

Todos os capítulos ao longo do livro reconhecem o alcance das vozes dos atletas. Entretanto, nota-se a ausência de conceitos para explicar o que é ativismo e sua adjetivação como “esportivo” ou a sua caracterização tipológica. Para Medina (2023), o ativismo é uma matriz comunicativa de resistência, que ocorre na esfera pública, por coletivos ou indivíduos que articulam ações e discursos em prol de ideias de justiça social. A obra não contempla a teorização do termo, mas, por outro lado, os capítulos se robustecem de fundamentações que incluem o esporte e suas relações com política, gênero, racismo, deficiência, saúde, etc. Estes temas demonstram a variedade de pautas mobilizadas pelos atletas, as repercussões e riscos dos seus ativismos.

No capítulo 4, chamado “Implicações financeiras para atletas ativistas: o custo de se posicionar”, do autor Schmidt, discorre-se a respeito de impactos negativos e riscos que os atletas se expõem ao protestarem, como a perda de patrocínios e conflitos com organizações esportivas. Este é o único capítulo a abordar centralmente a dimensão econômica no ativismo de atletas. Contextualiza-se o caso do jogador da Liga Nacional de Futebol Americano, Colin Kaepernick, e da atleta de lançamento de martelo, Gwen Berry. Kaepernick ajoelhou-se durante a execução do hino estadunidense antes de alguns jogos da NFL, em protesto contra o racismo. Berry, por sua vez, repetiu no pódio dos Jogos Pan-Americanos de 2019 o gesto de punho erguido de John Carlos e Tom Smith de 1968. Kaepernick perdeu dinheiro e contratos estimados em 50 milhões de dólares, recebeu hostilidades de torcedores e público, e foi obrigado a encerrar a carreira por falta de oportunidades. Depois disso, porém, o atleta foi acolhido por marcas como Nike, Disney e Netflix, com propagandas, campanhas e um documentário. Schmidt (2022) chama a atenção para o interesse de empresas que cooptam causas e atletas ativistas, lucrando milhões, e critica que, por outro lado, Berry perdeu bolsas da confederação, recebeu insultos verbais e, também, o patrocínio da Nike, sem maiores explicações.

O capítulo 5, intitulado “A mudança no rosto do atleta ativista negro: rejeitado hoje, herói amanhã?”, aborda a tríade ativismo, raça e esporte nos EUA. Os autores Brown e Foxx (2022) destacam que atletas negros estadunidenses foram “rejeitados” por se posicionarem contra as políticas e procedimentos racistas nos EUA e no exterior, como John Carlos e Tom Smith. Citam-se experiências de esportistas negros “dentro deste processo de difamação e de enaltecimento aos olhos da sociedade ocidental” (Brown; Foxx, 2022:57). Atletas de diferentes tempos históricos foram citados, e alguns morreram desprestigiados, enquanto outros receberam em vida algum reconhecimento ou retratação. Coloca-se em questão: “quem são os rejeitados de hoje e quem serão nossos heróis de amanhã?” (Brown; Foxx, 2022:63). Mesmo com o risco iminente de prejudicar a carreira, os autores apontam que o ativismo de atletas negros tem impactos duradouros e cruciais na busca por justiça social.

Os capítulos 6 e 7 inauguram na obra o tema do ativismo de pessoas com deficiências. No primeiro, Haslett e Smith (2022) analisam a relação entre pessoas com deficiência, esporte e ativismo social, destacando o papel do paradesporto como uma forma de resistência com o aumento da popularização dos Jogos Paralímpicos. No entanto, alertam para os desafios relacionados a discursos capacitistas no ambiente paralímpico e sugerem que futuras pesquisas abordem a interseccionalidade entre gênero, raça, e deficiência, oferecendo novas perspectivas sobre o ativismo. Braye e Gibbons (2022), por sua vez, escreveram o capítulo “Ativismo de atletas com deficiência: usando uma abordagem teológica emancipatória para promover o uso de atletas com deficiência no ativismo da deficiência no Reino Unido”. Os autores exploraram a desconexão entre o Comitê Paralímpico Internacional (CPI) e os movimentos das pessoas com deficiência. Eles criticam o foco do CPI em criar “super-humanos”, enquanto ignoram os preconceitos enfrentados pela maioria das pessoas com deficiência. Baseando-se em teóricos como Paulo Freire, os autores do capítulo propõem uma abordagem teológica emancipatória para superar a desconexão entre o CPI e o movimento das pessoas com deficiência. No texto argumenta-se pelo fortalecimento e encorajamento do envolvimento de atletas com deficiência no ativismo esportivo.

No capítulo 8, Valerie Moyer aborda a transgeneridade e o esporte, uma questão emergente na literatura acadêmica internacional. O capítulo é intitulado: “Revisando narrativas trans-excludentes no ativismo esportivo feminino”. Moyer (2022) dissecar a retórica ativista conservadora atual em torno de um ideal de “proteção do esporte feminino”, enquanto analisa a história racial e de gênero do atletismo no século XX. Destacou políticas de elegibilidade em

diferentes instituições esportivas, tecendo uma crítica às formas como se define quem pode participar das competições.

O ativismo de questões que envolvem saúde é apresentado no capítulo 9, “Doddie Weir e o ativismo da saúde, nacionalidade e narrativa”, de autoria de Leslie Carnig. A análise é baseada na história do atleta de *rugby*, George Wilson Weir, conhecido como Doddie Weir, que foi diagnosticado como uma doença neuromotora progressiva (sem cura). Desde então, Weir tem usado sua influência a partir de forte presença midiática atreladas a missões filantrópicas. Carnig (2022) destaca o uso da visibilidade de atletas para campanhas relacionadas a políticas sociais e de saúde, a arrecadações financeiras e, também, à conscientização sobre a doença.

O capítulo 10 aborda outra questão de gênero na obra, com o título “Ativismo de atletas de elite pela igualdade de gênero no esporte: O futebol feminino na Espanha”, da autora Célia Valiente. Este texto discute táticas confrontacionais e não confrontacionais de atletas espanholas para reivindicar melhores condições de trabalho e salários equiparados aos dos homens, dentre as quais uma greve e a não participação em torneios internos. As atletas conquistaram um acordo em 2020, que estabeleceu um salário mínimo para mulheres atletas de futebol (Valiente, 2022).

O capítulo 11, de Linda K. Fuller, tem como título “Ativismo de atletas em relação à vestimenta: um estudo de caso de Ibtihaj Muhammad e o hijab esportivo”. Fuller (2022) argumenta que a vestimenta é uma forma de protesto e auto expressão, especialmente entre mulheres. Indumentárias e acessórios são símbolos de resistência em relação a direitos humanos, incluindo direitos religiosos e raciais.

No capítulo 12, da autora Shaonta E. Allenm, aborda-se o cabelo como forma de resistência e ativismo. Este texto tem como título: “Tranças, contas, macacões e tutus: a resistência interseccional de Serena Williams através da moda”. No texto, demonstrou-se que a presença de Serena no tênis desafiou a expectativa racial, de classe e de gênero dentro do esporte elitista que ela faz parte, e que o uso estratégico que a atleta fez de roupas e penteados é mais que uma autoexpressão identitária, é resistência e empoderamento contra a desumanização de grupos marginalizados (Allenm, 2022). Quanto ao cabelo negro, historicamente visto como inapropriado e não profissional, Serena desafiou a “vigilância branca oficial e extraoficial” no tênis (Allenm, 2022:136).

No capítulo 13, dos autores Hayley F. Gallagher, Caroline Wright e Jeffrey W. Kassing, examina-se a reação do público a uma entrevista da capitã da seleção de futebol de mulheres dos EUA, Megan Rapinoe, sobre a Copa do Mundo de

2019. Ao ser questionada sobre a possibilidade da tradicional visita à Casa Branca, caso o time fosse campeão, Rapinoe disse: “Eu não vou para a p*** da Casa Branca”, que é o título do capítulo. O presidente dos EUA, Donald Trump, retaliou Rapinoe no Twitter. Os comentários do público sobre a fala da atleta foram categorizados em: (1) descrédibilização da atleta e do time; (2) resistência ao presidente Trump; (3) a falta ou a presença de patriotismo na fala da atleta; (4) o apoio massivo no enfrentamento a Trump e seu partido.

O Capítulo 14, de autoria de Sam Schulz, Faye Rosas Blanch e Sam Elliott, é intitulado “Através do campo e da sala de aula: o ativismo de Adam Goodes e o papel dos professores australianos no combate ao racismo”. Discute-se o uso pedagógico de um documentário sobre os 3 últimos anos de carreira de Adam Goods, um jogador de futebol australiano que foi marcado por episódios de racismo. Aborda-se as dificuldades de adotar uma pedagogia antirracista nas escolas australianas, num cenário educacional racializado. Os autores convergem para a literatura internacional no que diz respeito ao papel da escola para promover a equidade racial, e posiciona a necessidade de apoio tanto a professores quanto a atletas ativistas.

Os capítulos 15 e 16 abordaram o ativismo e seu diálogo com o mundo online. No primeiro, Cable (2022) escreveu o título “Melhor maneira de silenciar os críticos? O uso das redes sociais e entrevistas seletivas à imprensa por Raheem Sterling na luta contra o racismo”. Explora-se como o jogador de futebol, do Manchester City, o inglês Raheem Sterling, utilizava as mídias sociais e suas entrevistas para combater o racismo. Ele recebeu ataques racistas tanto por meio da mídia quanto pessoalmente. No Capítulo 16: “Ativismo online e defesa de atletas no golfe profissional feminino: risco ou recompensa?”, dos Kitching, Bowes e MacLaren (2022) analisa-se o blog da golfista profissional Meghan MacLaren, que usa sua plataforma para documentar a sua vida e as desigualdades estruturais e institucionais que enfrenta. Exploram-se os riscos e ganhos de atletas que se posicionam publicamente, incluindo a cobrança para se sentirem gratas pelas oportunidades como parte do desafio de protestar.

Por fim, no capítulo 17, intitulado “Benefícios psicológicos para o atleta ativista”, Travis Scheadler apresenta que a literatura em psicologia do esporte não tem dedicado atenção a esse tema. Assim, traça os benefícios do atleta ativista da perspectiva da psicologia, detectando-se a capacidade de resiliência, a realização pessoal, a esperança, o bem-estar geral, e o sentimento de pertencimento coletivo. Esse tipo de análise é inexistente no cenário brasileiro.

Conclusões

A obra perpassa por distintas expressões do ativismo esportivo, que evidenciam o quão potentes são os atletas que se mobilizam para mudar, ou enfrentar, uma determinada realidade no campo esportivo e para além dele. As formas do ativismo discutidas abrangem temas de movimentos sociais e agendas que se interseccionam. Embora trate, principalmente, de realidades principalmente do norte global, a obra pode instrumentalizar a produção científica sobre ativismo esportivo no contexto latino-americano e brasileiro, a partir de elementos de comparação, fundamentação teórica e perspectivas metodológicas. Dessa forma, a obra é recomendada para pesquisadores, professores e estudantes da área de Educação Física, Ciências Humanas e Sociais, que tenham interesse em compreender como o esporte está articulado a questões sociopolíticas, bem como o atleta como sujeito político.

Referências:

- MAGRATH, Rory. *Athlete activism: Contemporary perspectives*. Nova York: Taylor & Francis, 2022.
- MEDINA, José. *The epistemology of protest: Silencing, epistemic activism, and the communicative life of resistance*. Oxford: Oxford University Press, 2023.
- SMITH, Michael F. Activism. In: HEATH, Robert L. (ed.). *Encyclopedia of Public Relations*. Thousand Oaks: Sage, 1997, p. 5-10.

Data de recebimento: 21 de setembro de 2025

Data de aceite: 28 de outubro de 2025

Como citar esta resenha:

CAETANO, Clarisse Silva; SANTOS, Doiara Silva dos; SANTOS, Fernanda Karina dos. Entre quadras, campos e trincheiras: o ativismo de atletas em resenha da obra “Athlete activism: contemporary perspectives”. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.16, p. 1-7, e151460, 2026, Doi: <https://doi.org/10.14244/contemp.v16.1460>